

A ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO BUDISTA JAPONÊS EM LONDRINA-PR (1950-2014)

THE STRUCTURATION OF JAPANESE BUDDHIST RELIGIOUS FIELD IN LONDRINA-PR (1950-2014)

Leonardo Henrique Luiz*, leonardo_luiz8@hotmail.com

Orientador: Richard Gonçalves André**

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná

Submetido em 16/04/2016

Revisado em 17/04/2016

Aprovado em 21/07/2016

Resumo: O Budismo japonês está presente no Brasil de forma não-institucionalizada desde o começo do século XX, mas é só a partir dos anos 1950 que se pode perceber o fenômeno de institucionalização dos templos budistas. Nesse sentido, o presente texto objetiva sugerir uma proposta de análise desse processo histórico, tendo como objeto central de estudo o Templo Honpa Hongwanji (Nova Escola da Terra Pura) na cidade de Londrina-PR, entre os anos de sua construção em 1950 até 2014.

Palavras-chave: Budismo. Londrina. Campo.

Abstract: The Japanese Buddhism is present in Brazil in a non-institutional way since the early XX century, but it is only since 1950 that one can realize the institutionalization phenomenon of Buddhist temples. In this sense, this paper intends to suggest an analysis of this historical process, having as central object of study the Honpa Hongwanji Temple (New School of Pure Land) in the city of Londrina-PR, between the years of its construction in 1950 until 2014.

Keywords: Buddhism. Londrina. Field.

* Graduando em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e bolsista de iniciação científica (UEL).

** Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). É coordenador do Grupo de Pesquisas sobre Religiões e Religiosidades Orientais (GPERRO), cadastrado no CNPq. E-mail: richard_historia@hotmail.com.

Introdução

O Budismo japonês está presente no Brasil de forma não institucionalizada desde o começo do século XX com a chegada dos primeiros imigrantes vindos do Japão, mas é só a partir de 1950 que podemos perceber o fenômeno de institucionalização dos templos budistas em diferentes localidades do país. Nesse sentido, o presente texto objetiva sugerir uma proposta de análise desse processo histórico, tendo como objeto central de estudo o Templo Honpa Hongwanji ou Nishi Honganji (pertencente ao Budismo da Nova Escola da Terra Pura – *Jodo Shinshu*) na cidade de Londrina, situada no norte do Paraná, entre os anos de sua construção em 1950 até 2014. Do ponto de vista metodológico, foram feitas observações participantes no referido templo, entrevistas com o monge budista responsável, além da análise de materiais usados para proselitismo religioso e documentos que atestam a presença do templo em Londrina. Quanto à fundamentação teórica, propomos problematizar a construção e a permanência do templo utilizando o conceito de campo religioso, segundo a elaboração do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2005).

Apesar de ser considerado um recorte de estudo local, a análise do processo de estruturação do Budismo japonês em Londrina permite observar como uma religião de paradigma bramânico-hindu¹ interage com diferentes campos religiosos, desenvolvendo estratégias de proselitismo para perpetuar-se na sociedade brasileira. Além disso, é possível identificar como a construção do templo não se trata de um fenômeno isolado, mas sim parte de uma complexa rede de relacionamentos dentro da comunidade japonesa que envolve os anseios de reproduzir no Brasil os modelos estruturais do Japão pré-migratório e perpetuar a niponicidade² entre os *nisseis*³ e as gerações posteriores.

¹ É um termo genérico, empregado aqui em alusão às características comuns ao conjunto de crenças que constituiu as bases religiosas na Índia do século VI e V A.C., ao empregar esse termo, levamos em consideração também a dinâmica de reapropriação e ressignificação do fenômeno religioso, na medida em que mesmo o budismo japonês do século XIII possui conexões com a tradição bramânico-hindu.

² Entendida como as práticas comuns no Japão, como a língua, religiosidade, enfim o que define o ser japonês (MAEYAMA, 1973a). É necessário destacar que termos como *niponicidade*, “ser japonês”, cultura pré migratória são generalizações, pois abrangem aspectos seletivos da sociedade japonesa.

³ Segunda geração de japoneses, isto é, são os filhos dos imigrantes.

O recorte cronológico inicial do presente texto – 1950 – parte de um momento específico dentro da conjuntura que marca a presença nipônica no Brasil. Conforme argumentado por Takashi Maeyama (1973a) a década de 1950 possui características que proporcionam a presença institucionalizada das religiões japonesas, em virtude do processo de urbanização e ascensão econômica dos nikkeis⁴, da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial e do término da ditadura Vargas (marcado pela repressão às práticas não nacionais), enfim esses fatores são elementos que indicam o enraizamento em terras brasileiras. Contudo, um aspecto importante que não foi enfatizado por Maeyama na sua argumentação é a presença da prática religiosa antes de 1950, na medida em que “[...] foi canalizada para lugares e formas que transcendem a religião em esfera organizada e institucional, como os cemitérios e os cultos domésticos – que passaram, ao longo do tempo, por um processo de cemiterização.” (ANDRÉ, 2011, p.18). A religiosidade não institucionalizada representa um indício marcante da configuração dos campos religiosos budistas, na medida em que mesmo atualmente existem atividades de culto que transcendem o espaço do templo, como será sugerido.

No que caracteriza as fontes, levantamos dados em duas frentes: de um lado foram utilizados materiais próprios do templo como o Jornal do Hongwanji - periódico que circula entre a vertente do *Shin* Budismo da Terra Pura⁵ no Brasil -, o *website* da escola de Terra Pura e livros sobre os ensinamentos, afim de considerar as estratégias e as práticas de proselitismo para a sobrevivência da religião no Brasil, principalmente pela particularidade de ser de uma matriz Oriental. De outro lado, contamos com fragmentos oriundos da “sociedade externa”, ou seja, de instituições e indivíduos que não fazem parte do cotidiano do templo, buscando refletir quais foram os olhares e o impacto causado pela presença do templo nos 64 anos de construção.

⁴ Japoneses ou descendentes nascidos fora do Japão que emigraram para a América.

⁵ Também referido como “*Jodo Shinshu*” ou “Verdadeira Escola da Terra Pura” é a vertente do Budismo da Terra Pura criada por Shinran Shonin (1173-1262) a partir da escola “*Jodo Shu*” fundada por Honen Shonin (1133-1212), ambas são japonesas.

Contornos históricos da questão

As transformações no território brasileiro ocasionados pela introdução de milhares de indivíduos contratados como mão de obra é um dos fenômenos marcantes da política no século XIX e XX. Nesse período foram elaborados projetos visando subsidiar a migração, sendo implantados, em sua maioria pela pressão de grandes fazendeiros que se viam diante da crescente carência por mão de obra - devido à proibição do tráfico negreiro em 1850 e a assinatura da Lei Áurea em 1888 que aboliu com a escravidão institucionalmente, criando a falta na força de trabalho escrava utilizada até o momento (ALVIM, 1998). Em meio às discussões públicas que envolveram intelectuais, fazendeiros, políticos e a opinião pública, surge a possibilidade de contratar migrantes japoneses.

Apesar do primeiro grupo de imigrantes serem de 1908, a presença de nikkeis no Brasil alcançou os números mais elevados entre as décadas de 1925 a 1935, quando foram destinados às fazendas de café em São Paulo como colonos (MAEYAMA, 1973b, p. 244). No Paraná, os imigrantes possuíram uma condição diferente daquela quando chegaram a São Paulo vindo diretamente do Japão, agora eles eram reimigrantes, ou seja, chegam à região de Londrina com mais experiência e com capital acumulado suficiente que lhes permitiu alcançar a condição de pequenos proprietários, aumentando o vínculo com a terra e facilitando a ascensão social, fatores importantes para o enraizamento.

É no contexto desse processo de enraizamento da comunidade nikkei que podemos notar a formação de estruturas organizacionais tendo como analogia os modelos sociais existentes no Japão, dentre as quais a construção de templos para a realização dos cultos. A organização local da comunidade japonesa é estabelecida com a fundação de associações – *nihonjinkai* (MAESIMA, 2012, p.174) – que buscam a sistematização e levantamento (financeiro e estrutural) dos mecanismos entendidos como essenciais para as necessidades da colônia, além de facilitar os canais de comunicação comunitários entre indivíduos que enfrentam barreiras parecidas – no caso as dificuldades em ser imigrante.

Na cidade de Londrina, a ocupação territorial foi planejada pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP – cujo capital era de origem inglesa. Isto significou que a constituição da Colônia japonesa teve que se

adequar às especificidades organizacionais no processo de compra dos lotes de terra. Situação diferente se comparada com Assaí e Uraí, cidades planejadas pela companhia de origem japonesa: Sociedade Colonizadora do Brasil Ltd. – BRATAC (MAESIMA, 2012), onde existiu uma maior flexibilidade para a constituição do núcleo colonial japonês.

Nas décadas de 1930 e 1940, o espaço urbano (onde está o templo) de Londrina foi constituído por pequenos núcleos urbanos onde ocorrem intensas lutas de poder entre os diferentes grupos, inclusive com conflitos interétnicos⁶ característica da “*situação de fronteira*” (MAESIMA, p. 134). Em 1950 o deslocamento desta situação de região de fronteira para o oeste paranaense, possibilita uma relativa estabilidade dos grupos sociais para a institucionalização do templo budista e outras formas de sociabilidade entre nikkeis (MAESIMA, p.134).

No “Censo da Colônia Japonesa” de 1957 foram contabilizados 11.137 budistas declarados com mais de sete anos (MAESIMA, 2012, p. 181; SUZUKI, 1958, p. 281), todavia, o número pode ser problematizado se considerar todas as crianças e outros indivíduos que professam mais de uma religião. Este número é controverso levando em conta também a flexibilidade de algumas religiões japonesas presentes em Londrina, por exemplo, para o monge responsável pelo templo Nishi Honganji, Genyû Katata, não existe problema se o fiel frequentar outra religião ao mesmo tempo em que pratica o budismo (ANDRÉ, 2014). A fidelidade de participação a uma religião, aspecto relativamente comum na tradição judaico-cristã, não pode ser aplicada de forma descontextualiza nas religiões japonesas, o que também não significa que todas tenham essa mesma postura flexível com o fiel. Devido à variedade de escolas budistas existentes é preciso perguntar-se, quais são as especificidades das praticadas em Londrina por essa comunidade? As linhas a seguir, representam um esboço da trajetória das vertentes encontradas em Londrina.

⁶ Maesima mostra diversos casos criminais evidenciando as tensões interétnicas envolvendo japoneses, ver Maesima (2012, p. 125 e 172).

Budismos em Londrina

Antes de prosseguir, é colocada outra questão para aqueles que estudam o Budismo: trata-se de uma religião ou algo como uma “filosofia de vida”? É uma pergunta interessante que possibilita a reflexão dos modos como o Budismo foi/é percebido pelo Ocidente, pois foram principalmente as interpretação de autores ocidentais⁷ que viram ideais iluministas nas práticas budistas, buscando a racionalidade e deixando de lado os ritos, sutras e demais práticas. Concordamos com Eliade (1979, p. 86) quando argumenta que os ensinamentos budistas têm o objetivo de salvação das pessoas do sofrimento orientando a maneira de viver. No Budismo, o sofrimento está presente com o próprio fato do indivíduo existir, na medida em que este é preso ao ciclo de renascimentos em diferentes mundos (*Samsara*), além de que todas as experiências humanas são entendidas como insatisfatórias, pois são impermanentes e levam ao sofrimento (COHEM, 2008, p.72). Isso não significa que a denominação “filosofia” esteja errada, mas sim incompleta, pois o caráter religioso do Budismo é importante para entender a dinâmica do campo religioso em que está inserido.

É na década de 1950 que institucionalmente aparecem os primeiros templos budistas em Londrina, sendo de escolas budistas diferentes ⁸, mas pertencentes a mesma tradição Mahayana (Grande Veículo). Em linhas gerais, as escolas budistas variam sobre a maneira como se alcança a salvação ou iluminação, quais ensinamentos devem ser privilegiados e que tipo de prática a atenção é direcionada. O Budismo Mahayana é o movimento que obteve grande popularidade entre leigos, tendo surgido na Índia - após a morte do Buda Sakyamuni⁹ - e caracterizado pela crítica ao isolamento monástico da tradição

⁷ Apesar de diferentes modos, diversos escritores e intelectuais escreveram ou foram influenciados pelos aspectos do Budismo como: Carl Jung, Allan Watts, Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, entre outros.

⁸ Existem quatro templos em Londrina: Templo Budista Hompoji, da Escola Nichiren; Centro Cultural Norte do Paraná, da Brasil Sokka Gakai Internacional (ver nota 12); Templo Budista Nishi Honganji, da Escola de Nova Terra Pura e Templo Budista Higashi Honganji, da Escola de Nova Terra Pura. A Nova Terra Pura foi dividida no Japão durante o século XVI em: Nishi (oeste) e Higashi (leste) (GONÇALVES, 1971), ambas estão presentes em Londrina.

⁹ Aproximadamente no século V a.C, sendo referido como *nirvana*, ou seja, fim do ciclo de morte e renascimento.

Hinayana (Pequeno Veículo)¹⁰. Até chegar ao Japão o Mahayana passa pela região onde atualmente é a China no século I d.C (GONÇALVES, 1993), no qual apropriou ensinamentos confucionistas ligados a prática da piedade filial (CONFÚCIO, 2005), e só em 538 foi introduzido oficialmente no Japão (GONÇALVES, 1993, p.25).

As religiões de origem japonesa estão presentes em número expressivo na cidade de Londrina, mas dentre as consideradas budistas notamos quatro: Nova Escola da Terra Pura (Nishi e Higashi Honganji – conforme nota 8), Nichiren, Soka Gakkai Internacional e a Soto Zen¹¹. Todas apresentam as bases doutrinárias no século XIII¹². Essas escolas apresentaram grande alcance entre as camadas de camponeses, principalmente a Jodo Shinshu que contava com muitos adeptos entre os imigrantes no Brasil (HANDA, 1987, p. 359). Apesar de pertencerem à mesma tradição do Mahayana, possuem diferenças significativas que devem ser pensadas tendo em vista o processo de estruturação do Budismo.

Segundo Gonçalves (1993), o aspecto devocional é um dos elementos que caracterizam essa tradição Mahayana. Nos ensinamentos é verificável a existência de elementos que influenciam às práticas dos fieis (recitativas e/ou meditativas), no caso da Terra Pura e Nichiren existem recitações por meio das quais ao se proferir a oração¹³ a pessoa se salvará, desde que o indivíduo tenha plena confiança. A realização instantânea da “salvação”, por meio da recitação é marcante nas duas escolas, sendo que não é imprescindível para o fiel realizar práticas de grande exigência física como o controle da postura, respiração e jejuns.

¹⁰ É preciso lembrar que essa é uma forma depreciativa usada pelo Mahayana para referir-se as outras práticas (COHEN, 2008).

¹¹ Praticado por um grupo em uma associação de Karatê.

¹² Apesar da Soka Gakkai ser desenvolvida na década de 1930, é um movimento que parte dos princípios do Budismo Nichiren.

¹³ A escola Nichiren tem como prática principal a recitação do *Daimoku* do Sutra do Lótus. Enquanto que na escola “*Jodo Shinshu*” a prática central é a recitação do *Nembutsu*.

Impasse conjuntural

Do ponto de vista da tradição budista derivada do Cânone Páli¹⁴ a existência do templo constitui-se parte essencial dos ensinamentos, principalmente para o leigo (COHEN, 2008). Segundo Nissim Cohen (2008), os ensinamentos do Buda nos primeiros séculos indicam para os leigos a observância das Três Joias: o Buda, o Dharma e o Sangha (COHEN, 2008, p.148). Sendo a palavra Sangha traduzida como comunidade ou assembleia, constituída por um lugar onde o fiel busca refúgio espiritual, ou seja, um grupo de pessoas que se apoiam mutuamente, mesmo na tradição Mahayana essa concepção permanece englobando o sacerdote e o corpo de fiéis. Essa ideia também está presente na religiosidade nipônica.

Talvez o maior dilema que coloca em xeque a permanência e a expansão do Budismo em Londrina – e até mesmo no Brasil – é seu caráter étnico. O templo Nishi Honganji existe há 64 anos, e segundo o monge responsável, conta com aproximadamente 300 membros participantes das atividades (ANDRÉ, 2014). Por intermédio das observações participantes realizadas em 2014 desses adeptos percebemos que a maioria era nikkei (LUIZ, 2014), além disso, o uso do japonês nos cultos e nas conversas é predominante. O historiador Frank Usarski (2002) argumenta acerca do Budismo de imigração em São Paulo,

O foco fica nos adeptos japoneses que veem **seu** templo não só como lugar religioso, mas também como um ponto de atividades sociais. Por isso, além da função espiritual, esses templos mostram características de centros culturais com programas variados, incluindo Karaokê para adolescentes e grupo de dança folclórica para idosos. (USARSKI, 2002, p. 16 e 17- grifos no original).

¹⁴ Compilação de textos e ensinamentos budistas denominados de “Budismo primitivo” (COHEN, 2008, p. 28), conhecido também por Tripitaka. Na antologia organizada e traduzida por Nissim Cohem, a maior parte foi extraída do *Sutta Pitaka* (Segunda parte, que contém os discursos do Buda) de todo o cânone (COHEN, 2008, p. 30).

Decorrente dessa característica étnica e das barreiras linguísticas, com o natural envelhecimento dos adeptos e a pouca adesão de novos fiéis cria-se um cenário de crise que ameaça a existência do Budismo no futuro próximo, é nesse sentido que o campo religioso se constitui como estrutura estruturante (BOURDIEU, 2005).

Para reverter essa situação, a Terra Pura necessita da utilização de diversos materiais de proselitismo religioso buscando angariar membros para fora da comunidade de nikkeis, principalmente visando o público jovem. Contudo, o uso dessas estratégias não pode ser entendido mecanicamente, mas também como parte do próprio processo de transformação cultural (o fiel não é passivo na prática religiosa, pois ele constrói múltiplos sentidos). Como sugere Chartier (2002, p. 53), “Ler, olhar ou escutar são, de fato, atitudes intelectuais que, longe de submeter o consumidor à onipotência da mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o modela, autorizam na verdade reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência.” A reprodução social e a própria dinâmica cultural do contato com outros campos religiosos no Brasil não é entendida de forma desvinculada do proselitismo religioso, mas sim parte de um mesmo processo.

Um dos materiais produzidos é o website (SHIN BUDISMO, [s.d]) que disponibiliza muitas informações para iniciantes e iniciados na doutrina, da mesma forma o Jornal do Hongwanji apresenta as principais notícias acerca das atividades dos templos em todo o Brasil, tendo inclusive páginas em português e japonês (JORNAL DO HONGWANJI, 2013a; JORNAL DO HONGWANJI, 2013b). Do ponto de vista do templo local, a principal atividade de proselitismo que ultrapassa a esfera da comunidade étnica é o Bon Odori¹⁵, pois mesmo sendo um rito mortuário, consegue atrair muitos indivíduos, apesar de poucos se tornarem adeptos frequentes.

A situação de crise do campo religioso budista em Londrina é decorrente das próprias características da vertente Nova Escola de Terra Pura. Podemos

¹⁵ O Bon Odori é uma cerimônia mortuária que é caracterizada pela presença de danças, músicas, alimentos próprios no pátio do templo, paralelo ao festival ocorre no interior do templo cultos específicos ligadas às práticas mortuárias do budismo. No Bon Odori elementos do mundo “profano” foram incorporados como parte das estratégias de proselitismo visando um público de fiéis que ultrapasse o circuito de nikkeis. [Para mais informações ver: LUIZ; ANDRÉ, 2015. (no prelo)].

notar isso se compararmos como as outras religiões de origem japonesa conseguem expandir as atividades transcendendo a esfera étnica. Elas são conhecidas como “Novas Religiões Japonesas” e baseiam-se em crenças populares (GONÇALVES, 1971, p.66) possuindo estratégias eficazes de apropriar-se de elementos de outras noções religiosas ou filosóficas tanto do ocidente com do oriente, os casos mais marcantes em Londrina é a própria Soka Gakkai Internacional, a Seichô-no-ie e a Igreja Messiânica Mundial do Brasil.

Apesar das particularidades entre o conjunto denominado “Novas Religiões Japonesas”, pode se estabelecer alguns aspectos em comum. Na medida em que assumem um discurso parecido voltado para as soluções da vida diária e na força dos milagres para transformar a vida dos fiéis (características próximas do cristianismo brasileiro), sendo possível alcançar a felicidade nessa vida. É comum existir uma mobilidade em algumas dessas religiões (Seichô-no-ie, Tenrikyô, Messiânica), podendo frequentar mais de uma ao mesmo tempo. Os líderes/fundadores das Novas Religiões consideram-se como em contato ou enviados por divindades dotados de poderes, além de contar com grupos organizados para trazer novos membros (GONÇALVES, 1971; ANDRÉ, 2011, p. 53-58). Nota-se que as principais diferenças entre a Terra Pura e as “Novas Religiões Japonesas” torna a mensagem da primeira destinada a um grupo específico circunscrito às limitações étnicas, enquanto que a segunda possui um apelo para atuar enquanto religião universal.

Trabalho com as fontes

No processo de levantamento das fontes optou-se por se utilizar materiais que ofereçam indícios para compreender a institucionalização do Nishi Honganji, buscando dimensionar o fenômeno dentro do recorte temporal (1950 - 2014). Por ser uma religião de paradigma bramânico-hindu e com características étnicas, portanto, minoritária em âmbito nacional, as fontes são difíceis de serem encontradas e revelam mais ou menos o mesmo padrão discursivo, como será analisado em seguida.

Nesse sentido, um aspecto que deve ser percebido é o próprio silêncio nos documentos, na medida em que mostra como o Budismo está a todo o momento buscando espaço naquilo que pode ser chamado de “luta de

representação” (BOURDIEU; CHARTIER, 2011), isto é, o uso de estratégias simbólicas buscando a legitimidade para atuar nos espaços da opinião pública e “ser-perscebido” (CHARTIER, 2002, p. 73) pelos documentos. Pode-se dizer que a comunidade do templo não conseguia ser “representada”, exibindo uma imagem própria de comunidade em relação com o mundo social, nos espaços de memória (jornais, revistas, etc.), mesmo sendo “presentificada” materialmente pelo templo.

Os principais documentos são artigos de jornais ou revistas que marcadamente enfatizam os mesmos aspectos do templo, ou seja, como possuidor das características tradicionais das “Igrejas japonesas”, dando destaque para o “exotismo” encontrado no pátio e interior do templo (PARIS, 1986; MÁXIMA COMUNICAÇÃO, 2008; ASSOCIAÇÃO PRÓ MEMÓRIA DE LONDRINA E REGIÃO, 2004; ALMEIDA, 1954 apud MAESIMA, 2012; LONDIRNA HOJE, 1969). Muitos desses documentos citam o templo como um ponto turístico indispensável para se conhecer na cidade, inclusive no site da prefeitura o templo está categorizado como um patrimônio religioso de Londrina (PREFEITURA, [s.d]).

Alguns aspectos do funcionamento do templo podem ser analisados com ajuda dos referidos documentos. Segundo Paris (1986, p. 29), “Diariamente, às 7 horas, são realizados cultos”, condição diferente com a registrada em 2014 (ANDRÉ, 2014), pois os cultos, conforme entrevista com o monge atualmente responsável, Genyû Katata, são agora mensais com exceção de ocasiões especiais.

Apesar de não ser encontrado relatos nos principais jornais da cidade, a própria construção do templo Nishi Honganji foi um evento marcante dentro da comunidade nikkei, sendo adotado o regime de mutirão com os próprios indivíduos pertencentes ao grupo nipo-brasileiro (YAMAKI, 2006; MAESIMA, 2012). Segundo Yamaki,

Construída na saída oeste da cidade, em terreno doado por *Joshin Shimabukuro* [...] foram iniciadas em 1 de Dezembro de 1949 [...]. Construído em tradicional regime de mutirão, exigiu o trabalho de 20 voluntários coordenado pelo mestre carpinteiro

Yaemori, um *Miya Daiku*, especializado em construção de Templos. (YAMAKI, 2006, p. 88 – grifos no original).

Essas informações trazem importantes elementos que dimensionam o fenômeno, sendo significativa a doação do terreno justamente na saída oeste da cidade¹⁶ por um importante imigrante¹⁷.

Outro ponto interessante é a série de rituais realizados no espaço destinado ao templo quando da fundação. Yamaki (2006, p. 88) apontou para três ritos distintos: “[...] *Jitinsai* - cerimônia para apaziguar o espírito do lugar e desejar segurança.”, “[...] *Joutoushiki* – cerimônia para agradecer a proteção e desejar o bom termino da obra” e “[...] *Nyubutsushiki* – ritual de entronização do Buda”¹⁸. Podemos perceber que foram necessárias cerimônias para sacralizar o espaço destinado ao templo, tendo em vista que “No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido” (ELIADE, 2010, p.29) e se torna lugar privilegiado para os cultos religiosos em oposição ao espaço profano.

Em ocasiões como o festival Bon Odori (nota 15) o pátio do templo é decorado com lanternas japonesas iluminadas por lâmpadas internamente (*tyotin*), nas quais é escrito, na maioria em japonês, nomes de organizações familiares, empresas, estabelecimentos comerciais e até mesmo políticos que apoiam ou estão ligados ao templo. Também no ano de 2014 o monge responsável pelo templo em Londrina realizou o mesmo rito em Uraí-PR (LUIZ, 2014). Existem também seminários que são realizados em diferentes templos a cada ano e conta com um grande apoio de diferentes lugares, por exemplo, “Realização do 47º Congresso Sul Americano de Jovens Budistas” (JORNAL,

¹⁶ Dado importante do ponto de vista simbólico, pois no século final do XVI no Japão o Shin Budismo é dividido em Nishi (oeste) e Higashi (Leste), parece que existiu essa preocupação em construir o Nishi Honganji na parte oeste da cidade (ANDRÉ, 2014; GONÇALVES, 1971).

¹⁷ O entorno onde está localizado o templo é referido em muitos lugares como “Jardim Shimabukuro”. [inclusive no site da prefeitura (PREFEITURA, 2015)]. Sendo que Joshin Shimabukuro foi recebido, do governo japonês, a condecoração Kum Lokuto Kyokujitsu Sho em 1976 “Ordem do Sol Nascente Raios de Prata 5.º grau.” (OGUIDO. 1988, p. 285).

¹⁸ Esses ritos contaram com participação significativa de indivíduos, conforme se pode notar em fotos (YAMAKI, 2006, p. 89). A qualidade das fotos não permite distinguir exatamente quem são os indivíduos (se são autoridades, sacerdotes, etc.), mas aparentemente a maioria é nikkei.

set. 2013b), lembrando que o 48º Congresso foi em Londrina no ano de 2014. Nesse sentido, a estruturação do Budismo transcende o espaço político administrativo denominado “Londrina” e integra territórios mais amplos. Segundo Maesima (2012, p. 24), com o passar dos anos após a imigração “[...] percebe-se, num plano de vista geral, um progressivo ‘abrasileiramento’ dos seus descendentes que se integraram à sociedade brasileira, assimilando muitos de seus valores culturais e traços identitários.”. Nesse sentido, pode-se pensar o papel da religiosidade nipônica como forma de resistência cultural a esse processo, isto é, a caracterização física e simbólica de espaços sociais consagrados (tais como casas, templos, associações, parques ou até mesmo bairros) que identificam o grupo com práticas específicas, seja de caráter religioso, linguístico, culinário, arquitetônico ou paisagístico¹⁹.

Considerações Finais

Como analisado ao longo do texto, a estruturação do campo budista apresenta correlação direta com os fenômenos que marcaram a trajetória dos nikkeis no Brasil, sendo que o processo de enraizamento e as características próprias das escolas budistas foram determinantes para a presença institucional em Londrina. A organização de estruturas com base nas existentes no Japão figura como parte da luta pela etnicidade, por isso a preservação da língua, da religião e demais práticas culturais são elementos que caracterizam a comunidade reunida em torno do templo Nishi Honganji. Nesse sentido, a institucionalização do templo em meio a um grupo marcadamente étnico não constitui fator isolado, na medida em que faz parte de um espaço onde a cultura nipônica pôde sobreviver e negociar a própria identidade do imigrante.

É justamente essa característica étnica que dificulta a Terra Pura de alcançar grandes quantidades de adeptos transcendendo a esfera do grupo local, mesmo adotando diversas estratégias de proselitismo. Além disso, é preciso indicar que mesmo na sociedade japonesa o Budismo foi relegado a funções mortuárias, sendo muitas vezes identificado com o culto dos ancestrais

¹⁹ Alguns dos elementos que caracterizam o Nishi Honganji; onde o japonês é mais usado, após os cultos são oferecidas comidas japonesas, a arquitetura do templo foi feita por um especialista e o pátio possui elementos que remetem ao Japão (como as flores de cerejeiras - *Sakuras*).

e não preencher as necessidades do povo (GONCALVES, 1971, p.66). Essa conjuntura criam lacunas impossibilitando o desenvolvimento de uma religião de tipo universal, configurando em desvantagem na disputa por fiéis com outros campos religiosos. No Brasil, a disputa se torna mais acirrada pela forte presença do cristianismo mesmo entre os descendentes. Tendo isso em vista, os templos e grupos informais elaboram reflexões diante da “crise” da falta de adeptos, sob o risco de em alguns anos o número de praticantes reduzirem ainda mais.

Referências

I. Fontes primárias

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Entrevista com Genyû Katata**. 2014. Acervo pessoal.

ASSOCIAÇÃO PRÓ MEMÓRIA DE LONDRINA E REGIÃO. As Religiões em Londrina. In: **Raízes e Dados Históricos – 1930 – 2004**. Londrina: edição Humanidades, 2004. p. 246.

JORNAL DO HONGWANJI. São Paulo, n. 371, maio 2013a.

JORNAL DO HONGWANJI. São Paulo, n. 373, set. 2013b.

LUIZ, Leonardo H. **Caderno de campo**. 2014. Acervo pessoal.

LONDRINA HOJE, Londrina, abr. 1964.

MÁXIMA COMUNICAÇÃO. **Templo Budista Honganji abriga beleza e espiritualidade**, Londrina, 16 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.planetasercomtel.com.br/passeios/16421/templo-budista-honganji-abriga-beleza-e-espiritualidade.html>>. Acesso: em 18 abr. 2015.

OGUIDO, Homero. **De imigrantes a pioneiros: a saga dos japoneses no Paraná**. 2. Ed. Curitiba: [s.n.], 1988.

PARIS, Stela. Templos Orientais. **Aqui Londrina**, Londrina, jun. 1986, p. 29.

PREFEITURA do Município de Londrina. **Identidade Londrina**, Londrina, [s.d.]. Disponível em: <<http://identidadelondrina.com.br/bens-patrimoniais/templo-budista-honganji/>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

SHIN BUDISMO da Terra Pura. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.terrapura.org.br>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

SUZUKI, Teiti. **The Japanese Immigrant in Brazil**. Tokyo: University of Tokyo Press, 1969. 2 v.

II. Bibliografia

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando (coord.). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. (v. 3). p. 215-289.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Religião e silêncio**: representações e práticas mortuárias entre nikkeis em Assaí por meio de túmulos (1932 – 1950). 2011. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-78.

_____; CHARTIER, Roger. **O Sociólogo e o Historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

COHEN, Nissim (Org.). **Ensinaamentos do Buda**: uma antologia do Cânone Páli. São Paulo: Devir Livraria, 2008.

CONFÚCIO. **Os Analectos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. Buda e os seus Contemporâneos. In: **História das Crenças e das Ideias Religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. vol. 1. Tomo II.

GONÇALVES, Ricardo Mário. A religião no Japão na época da emigração para o Brasil e suas repercussões em nosso país. In: **O japonês em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1971, p. 58-73.

_____. **Textos budistas e zen-budistas**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

LUIZ, Leonardo Henrique; ANDRÉ, Richard Gonçalves. O retorno dos ancestrais: Bon Odori e ritos mortuários no Templo Budista Nishi Honganji em Londrina. **Revista brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 7, n. 22, jul./dez. 2015. (no prelo).

MAESIMA, Cacilda. **Japoneses, multiethnicidade e conflito na fronteira**: Londrina, 1930/1958. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

MAEYAMA, Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil rural (1908-1950). In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, T. (Orgs.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973a. p. 414-447.

_____. Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, T. (Orgs.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973b. p. 240-272.

USARSKI, Frank. O Budismo no Brasil: um resumo sistemático. In: USARSKI, F. (Org.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p. 9-33.

YAMAKI, Humberto. **Labirintos da Memória**: paisagens de Londrina. Londrina: Edições Humanidades, 2006.